

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE JOÃO CALVINO: ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DE SUA VIVÊNCIA RELIGIOSA

Marcelo Lopes¹

RESUMO

A história da Tradição Reformada remete necessariamente a Ulrich Zwinglio, seu pioneiro na Suíça. Contudo, foi João Calvino, na verdade, quem logrou êxito de fato na implantação e sistematização deste matiz do protestantismo nos cantões suíços. Nesse sentido, os historiadores da Igreja têm privilegiado, evidentemente, as postulações teológicas e eclesásticas de Calvino, em detrimento de sua experiência enquanto *homo religiosus* nativo do cristianismo protestante. Assim, importa neste ensaio investigar justamente este viés da vida do reformador genebrino que tem permanecido um tanto quanto velado, mas que parece ser suficientemente profícuo para permitir alçar a experiência religiosa deste ícone da Reforma a um patamar mais elevado que lhe é devido. Tal é o escopo deste ensaio.

Palavras-chave: João Calvino; reforma protestante; experiência religiosa; religiosidade.

¹ Mestre em Ciência da Religião (Ciências Sociais da Religião) pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB. Militar da ativa do Exército Brasileiro. E-mail para contato: montanhista.ms@hotmail.com.

ABSTRACT

The history of the Reformed Tradition necessarily refer to Ulrich Zwingli, his pioneering in Switzerland. However, John Calvin was, in fact, who actually has succeeded in implementing this hue and systematization of Protestantism in the Swiss cantons. In this sense, the Church historians have tended, of course, the theological and ecclesiastical postulations of Calvin, to the detriment of his experience as homo religiosus native Protestant Christianity. Thus, it is precisely in this paper investigate this bias Genevan reformer's life that has remained somewhat veiled, but that seems to be sufficiently profitable to enable boost the religious experience of this icon of the Reform to a higher level due to you. This is the scope of this essay.

Keywords: John Calvin; the protestant reformation; religious experience; religiosity.

INTRODUÇÃO

“Toda a história moderna ocidental teria sido irreconhecivelmente distinta sem a perpétua influência de Calvino.”

(J. T. McNeill)

“Não é de todo fantasioso dizer que, em um palco menor mas com armas não menos formidáveis, Calvino fez pela *bourgeoisie* do século XVI o que Marx fez pelo proletariado do século XIX...”

(R. H. Tawney)

A João Calvino (1509-1564) é atribuído um legado à cultura ocidental deveras importante, não restrito à religião cristã em sua vertente protestante, mas com contribuições significativas em outras áreas das humanidades, como por exemplo na área da educação.² À modo propedêutico

² Para um locus neste aspecto ver: Cezar de Alencar Arnaut de TOLEDO e Paulo Henrique VIEIRA, João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI.

tem-se uma rasa idéia de seu relevo observando-se as palavras de Karl Barth a seu respeito: “Calvino é uma catarata, um bosque primaveral, um poder demoníaco, algo que desceu diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; careço completamente dos meios, das ventosas para falar de ou para apresentá-lo adequadamente. [...] Poderia, alegre e com proveito submergir-me e dedicar o resto de minha vida a Calvino”.³

Calvino nasceu num período turbulento da história européia, sobretudo nos aspectos religioso e político, que à época, não se pode esquecer, eram inextricáveis. Quando em 1517, Lutero afixava suas 95 teses, Calvino tinha tenros nove anos de idade, e, não obstante ocorrer somente em sua juventude, não tardou para que fosse solapado pelo “espírito da Reforma”.

O reformador francês “nasceu em Noyon, uma pequena cidade situada a cerca de 100 km a nordeste de Paris. Seu pai Gerard Cauvin, era assistente administrativo do bispo local. Sua mãe, Jeanne, morreu quando Jean, seu quarto filho, tinha apenas cinco ou seis anos de idade. Uma autora argumenta que esta triste experiência certamente contribuiu para o sentimento de ansiedade e inquietação pessoal característico de Calvino”.⁴ Conquanto esse evento traumático tenha marcado sua infância, atribuir tal episódio à sua personalidade introspectiva parece bastante especulativo, senão temerário.

Seu pai se esforçara para que tivesse uma educação exemplar, desde cedo estudou em colégios referendados, e com um benefício eclesiástico – equivalente a uma bolsa de estudos contemporânea –, logrou uma

³ BARTH apud CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. Calvino e suas diversas heranças na tradição reformada. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, nº 17 out. 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo, acesso em: 10 set. 2012. p. 01.

⁴ MATOS, Alderi Souza de. *Amando a Deus e ao próximo: João Calvino e o diaconato em Genebra. Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano II, Nº 2, 1997, p. 01.

formação exemplar. Contudo tal benefício exigia sua entrada numa ordem menor, em função disso, logo aos doze anos recebeu a tonsura, passando a exercer tarefas eclesásticas na sacristia.⁵ Calvino foi um estudante precoce e de uma inteligência privilegiada, razão pela qual estudou teologia no *Collège de Montaigu*, latim no *Collège de la Marche*, grego com o erudito evangélico alemão Melchior Wolmar e estudos jurídicos em Bouges, além de sua paixão pela literatura clássica.

Apesar de muitos autores atribuírem a Calvino uma formação humanística⁶, o catolicismo herdado do pai o acompanhou até sua experiência de conversão ao protestantismo, sob circunstâncias não muito bem conhecidas. Não obstante sua ilibada formação acadêmica reservar-lhe certa autonomia em relação à religião, diferentemente de alguns “humanistas”, ele não executou a religião, ao contrário, foi justamente sua capacidade intelectual que o ajudou a deixar uma produção literária de vulto, que mais tarde ajudaria a dar origem ao movimento conhecido como calvinismo.

Embora tenha falecido relativamente jovem (27/05/1564), Calvino viveu intensamente sua religiosidade, sobretudo após sua conversão ao protestantismo. Sua vida privada também fora bastante emblemática, pois “após três tentativas fracassadas, algumas bastante embaraçosas, Calvino casou-se em agosto de 1540, aos 31 anos, com Idelette de Bure, membro da sua própria congregação de refugiados franceses”.⁷ Idelette fora uma esposa exemplar, mas não foi feliz na geração de herdeiros, ela e Calvino tiveram três filhos que morreram recém-nascidos. Contudo, os nove anos em que foram de casados, antes do falecimento de Idelette, foram marcados pela felicidade apesar de tudo.

⁵ MATOS, 1997, p. 02.

⁶ Para uma boa introdução ao tema, ver: Hermisten Maia Pereira da COSTA, O humanista subordinado ao Deus da palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento.

⁷ MATOS, Alderi Souza de. Um vaso de barro: a dimensão humana de João Calvino. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano XIV, n° 2, 2009, p. 54.

O reformador francês de personalidade marcante, ironicamente, fez carreira na cidade de Genebra na Suíça. Sua prática religiosa foi indubitavelmente voltada para que a comunidade protestante genebrina servisse de modelo para o protestantismo como um todo. Nesse fito, Calvino angariou amigos, admiradores, seguidores, e, não poucos inimigos.

Decerto, no entanto, é que João Calvino foi um personagem de suma importância naquela época da primeira geração de reformadores. Mas não só, pois seu legado teológico e cultural gerou uma família de igrejas chamadas reformadas, e estas últimas, tiveram profunda influência na cultura ocidental, de modo que, sua importância não pode ser minorada por seus erros, conquanto tenham sido muitos.⁸

1 A QUESTÃO RELIGIOSA

Esta, talvez, seja a mais nebulosa questão, na qual esbarram quaisquer estudiosos que se debruçam sobre a experiência religiosa de Calvino. De início, há que se remeter, *a fortiori*, à sua bagagem religiosa herdada da família. Gérard Cauvin, progenitor do reformador de Genebra, era assistente do bispo da cidade de Noyon. Ora, neste sentido, seria natural que Calvino fosse católico, tanto mais levando-se em consideração que não havia pluralismo religioso naquela época. Quando muito, poder-se-ia aderir ao protestantismo nascituro, conquanto tal escolha não fosse bem vista, assim como suas implicações não fossem promissoras, e, não raro, motivo de padecer perseguições.

Um outro foco que pode ser sublinhado é que o jovem Calvino estudou teologia primeiramente incentivado por seu pai, que mais tarde

⁸ Cf., DIAS, Zwínglio M. O Calvino desconhecido: alguns apontamentos sobre João Calvino antes do Calvinismo, *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, nº 17 out. 2009. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo>. Acesso em: 10 set. 2012. p. 06.

mudou de ideia instando o filho aos estudos jurídicos, e num segundo momento, por iniciativa própria. Desse modo, percebe-se que Calvino não era indiferente a religião, mas de certo modo, antes de sua conversão ao protestantismo, seu envolvimento com a religião católica parece ter sido superficial, não havendo nenhum fato de relevo, tampouco alguma produção literária de cunho religioso de vulto, enfim, falta de engajamento de fato.

Esta apatia aparente talvez seja fruto de reminiscências que pululavam na memória de Calvino, pois sua:

família acabou tendo sérias dificuldades com a igreja tradicional. Girard [seu pai] se indispôs com clérigos de Noyon por questões profissionais, e quando faleceu, em maio de 1531, quase lhe negaram sepultura no cemitério local. Charles, [seu irmão] o primogênito, tornou-se padre. Todavia, tendo se decepcionado profundamente com a igreja, afastou-se do sacerdócio e abraçou ideias protestantes. No leito de morte, recusou-se a receber o sacramento e veio a ser sepultado em campo profano, sem a bênção da igreja. Antoine e uma das irmãs, Marie, também abraçaram a fé evangélica e mais tarde se mudaram para Genebra com o irmão famoso. Somente a outra irmã permaneceu fiel à igreja de Roma, tendo residido por toda a vida em Noyon. Quanto a João, obviamente tornou-se o alvo principal dos comentários do povo da cidade sobre a triste decadência dos Cauvin”.⁹

Sobre sua conversão, em si, não se tem nada muito claro. Porém, daquilo se pode pesquisar, parece que:

a sua transição de humanista a reformador foi marcada por algo que ele certa vez descreveu com uma “conversão repentina” (*conversio súbita*). Isso aconteceu por volta de 1533-1534 e foi precedido de um período de lutas, inquietação e dúvidas. Seus primeiros biógrafos Beza e Colladon atribuem um importante papel na sua conversão ao seu primo Robert Olivetan, para cujo Novo Testamento francês Calvino escreveu um prefácio sob o título: “A todos os que amam Jesus Cristo e seu Evangelho” (1535). Esta foi sua primeira obra publicada como protestante.

⁹ VAN HALSEMA apud MATOS, 2009, p. 51.

Sua conversão foi atestada publicamente a Noyon em maio de 1534 a fim de renunciar ao benefício de que tinha usufruído por treze anos.¹⁰

Dessa narrativa se pode inferir algumas possibilidades de interpretação que, embora não comprováveis, podem auxiliar a projetar aquela que foi a experiência de conversão religiosa de João. Em primeiro lugar, Calvino tinha plena capacidade intelectual e teológica para discernir as inovadoras ideias protestantes, e, muito embora não as visse com bons olhos, tal sentimento religioso parece ter sofrido uma inversão, após sua adesão ao protestantismo como ele mesmo afirmou:

contrariado com a novidade, eu ouvia com muita má vontade e, no início, confesso, resisti com energia e irritação; porque (tal é a firmeza ou descaramento com os quais é natural aos homens resistir no caminho que outrora tomaram) foi com a maior dificuldade que fui induzido a confessar que, por toda a minha vida, eu estivera na ignorância e no erro.¹¹

Nesse sentido, parece que Calvino deixa transparecer certo desapontamento, ou ainda – por que não? –, uma leve amargura quanto à sua religião anterior. Contudo, isso não desvela muito da experiência de conversão de Calvino. Há que se prosseguir neste fito.

De todo modo, conforme se pode constatar nas palavras de seu discurso, parece haver, ainda que subjacentes, indícios que apontam para questões mais significativas de sua conversão:

inicialmente, visto eu me achar tão obstinadamente devotado às superstições do papado, para que pudesse desvencilhar-me com facilidade de tão profundo abismo de lama, Deus por uma ato súbito de conversão, subjugou e trouxe minha **mente** a uma disposição suscetível, a qual era mais empedernida em tais matérias de que se poderia esperar de mim naquele primeiro período de minha vida.¹²

¹⁰ MATOS, 1997, p. 02.

¹¹ CALVINO apud COSTA, Hermisten Maia Pereira da. João Calvino: O humanista subordinado ao Deus da palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano IV, n° 2, 1999, p. 03.

¹² COSTA, 1999, p. 04. (grifo nosso).

Nota-se que na raiz da conversão de João está o elemento racional ou racionalizante. Com mais exatidão, ele aponta para a fé no sentido muito mais mental do prático quando fala de seu antigo apego às “superstições do papado”. Nesse sentido, pode-se depreender que a razão é um elemento ontológico fundamental da religiosidade de Calvino, e, de certo modo, configura-se um prenúncio do que ocorrerá mais intensamente no protestantismo reformado em relação à sua capacidade de sistematizar racionalmente a fé reformada.

Vale a pena rubricar que conquanto tenha sido racional mais que emotiva, a experiência de conversão João é marcada por uma aproximação do Deus quase que exclusivamente transcendente, para um Totalmente Outro que se revela de forma mais pessoal, embora não perca, assim, seu caráter de *mysterium tremendum*.¹³ Mas ao mesmo tempo, enseja o sentimento de *tremenda majestas* que Rudolf Otto coloca como do poder, domínio e hegemonia¹⁴, e é exteriorizado por Calvino quando ele admite que Deus o “subjugou”, trazendo sua mente a uma disposição suscetível à fé protestante.

No entanto, há traços de emoção e de um possível sentimento mais místico nas palavras do reformador quanto ao conhecimento de Deus: “... deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação, simplesmente voluteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e finca o pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso”.¹⁵

Ora, ao analisar o próprio discurso supramencionado, percebe-se a experiência religiosa ultrapassa o aspecto racional e “finca o pé no coração” em contraposição a volutear somente no cérebro. Se assim foi, natu-

¹³ OTTO, Rudolf. *O sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo, Sinodal/EST; Petrópolis, Vozes, 2007. p. 44.

¹⁴ Cf., OTTO, 2007, p. 51.

¹⁵ CALVINO apud COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A piedade obediente de Calvino: teologia e vida. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano XIII, n° 1, 2008. p. 76.

ralmente se pode inferir que essa experiência religiosa produziu efeitos significativos na vida de Calvino, pois, se outrora seu comprometimento era com o “papado”, doravante, percebe-se um comprometimento irrestrito com o Deus cuja característica mais marcante na teologia calvinista será justamente o de *tremenda majestas*, observável na doutrina da absoluta soberania de Deus. Mas não só, pois a partir da conversão, o comprometimento do reformador se amplia na direção também da comunidade de fiéis: a igreja, não restrito à institucionalidade, haja vista seu viés ecumênico¹⁶, vez que “Calvino ainda atuou como diplomata eclesiástico, viajando para muitas cidades como conselheiro de delegações protestantes em conferências interconfessionais que procuravam restaurar a unidade entre protestantes e católicos”.¹⁷

De todo modo, é certo que tal experiência religiosa extirpou de vez aquela aparente falta de engajamento e entusiasmo enquanto católico. Ao contrário, sua vida será, pois, de total dedicação à causa protestante, qual seja: a apologética da nova fé, a sistematização da doutrina protestante em sua vertente reformada e a pureza da “igreja visível”, esta última, verificável na rígida disciplina que cultivava na comunidade genebrina.

A modo de síntese, vê-se que a Calvino se atribui historicamente, uma religiosidade quase que estritamente racional, mas que, de fato, não condiz com as possibilidades que se pode depreender a partir de uma releitura da vida do reformador após sua conversão. Ao longo dos séculos hipertrofiou-se a razão em Calvino em detrimento do amor, da caridade, da piedade, e – por que não? –, da emoção que avultam na biografia e em seu legado escriturístico.

Por isso, para além das reduções confessionais e científicas, há que se ler e reler Calvino à luz daquilo que a sua experiência religiosa

¹⁶ Evidentemente, usamos “ecumênico” aqui, resguardando os anacronismos semânticos do termo, mas não menos pertinente, todavia, numa aplicação *lato-senu*.

¹⁷ MATOS, 1997, p. 04.

significou em sua existência, sob pena de, não o fazendo, minorar a importância do reformador, ou pior, incorrer numa caricaturização desse vulto da humanidade, como, infelizmente, muitos já o fizeram.

2 COMPREENSÃO DO SAGRADO

Calvino é tributário de Agostinho para o qual “Deus é o ser simples e absoluto, contrastando com todas as coisas criadas, que são múltiplas e variáveis”.¹⁸ Logo, “o Deus de Calvino é o “Totalmente Outro”, distinto e impossível de ser apreendido pelos seres humanos. Criador de tudo o que existe é radicalmente distinto e separado de suas obras, de sorte que somente por sua decisão soberana suas criaturas lhe podem ter acesso”.¹⁹

Isso, é claro, não exclui de modo algum, como já exposto anteriormente, o viés experiencial do sagrado o qual ele mesmo admitiu ter vivenciado. Contudo, percebe-se em seu discurso, certo privilégio da hierofania²⁰, uma vez “que somente por sua decisão soberana suas criaturas lhe podem ter acesso”²¹, isto é, o homem é incapaz de alcançar a Deus, ao contrário, é Deus que alcança o homem.

Nesse sentido, “para Calvino, o reinado de Cristo sobre a história ou seu domínio sobre ela significa que toda vida é uma só parte, que toda ela pertence a Deus, onde o ‘sagrado’ e o ‘secular’ não são compartimentos estanques, fechados sobre si mesmos, mas simplesmente espaços distintos sob uma só direção do espírito de Cristo”.²²

Portanto, em Calvino o sagrado avulta em complexidade, às vezes

¹⁸ WALKER, Williston. Calvino. In: *História da igreja cristã*. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1981, v. 1 e 2, p. 235.

¹⁹ DIAS, 2009, p. 02.

²⁰ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 17.

²¹ DIAS, 2009, p. 02.

²² DIAS, 2009, p. 05.

paradoxal, vez que expressa certa antinomia na tensão entre o Totalmente Outro, inapreensível, e o

Deus que se revela a Israel, e, depois, de modo muito significativo e exemplar, na pessoa de Jesus Cristo. Por sua clemência e misericórdia ele se torna pequeno, se acomoda, se adapta aos limites da criatura, para assumir a condição humana no homem Jesus que se torna, então, a revelação plena de sua glória e verdade. Daí que, por causa de nossas limitações de criaturas, só podemos vislumbrar o que Deus é, de fato, na pessoa de Jesus Cristo. E isto sob a unção do Espírito e a graça do Pai. Aqui Calvino faz eco às formulações de Agostinho que, por sua vez, ressoa a compreensão eclesiológica de Paulo.²³

Assim, parece, João não apreende nada do sagrado, senão aquilo que o próprio sagrado se deixou experienciar, “como disse o mesmo Calvino: *“É verdade que sua essência é incompreensível, de tal sorte que sua deidade transcende todo sentimento humano; mas Ele inscreveu em cada uma de suas obras certas notas e sinais de sua glória tão claros e tão excelsos, que ninguém, por mais ignorante e rude que seja, pode pretender ignorá-la”* (IRC I, v.i).²⁴ Ao contrário, é ontologicamente apreendido pelo Totalmente Outro em sua graça irresistível e absoluta soberania. A partir desse *a priori*, há todo um desenvolvimento tanto da teologia quanto da práxis cristã nas igrejas de herança reformada, sobretudo com os seus sucessores após sua morte.

3 COMPREENSÃO DO SER HUMANO

Ao contrário do que muitos erroneamente pensam,

como pastor preocupado com a convivência de seus párocos, Calvino não estabeleceu um comportamento nem radical nem árduo, como muitas vezes se pensa. Para ele a diversidade de opiniões com respeito às questões não essenciais não deveria

²³ DIAS, 2009, p. 02.

²⁴ DIAS, 2009, p. 02.

ser motivo de desunião entre as igrejas. O mesmo no que diz respeito aos usos e costumes do povo. Fazendo abundante uso de exemplos retirados da experiência de Paulo, Calvino recomenda a indulgência e a clemência de todos para com todos. Combate o perfeccionismo de alguns e aponta com precisão a não existência de uma igreja pura, sem manchas nem pecados. Usa como exemplo maior os relatos de Paulo relativos à igreja de Corinto. Quando introduz o tema da disciplina eclesíastica, o faz, basicamente, no sentido da recuperação ou restauração por meio do arrependimento. “*Se não se tem este espírito humanitário, tanto em particular como em geral, se corre o perigo de que a disciplina se converta prontamente num ofício de verdugos*” (IRC IV, 1, 10). Além disso, ele acrescenta: “A severidade deve ser moderada pela misericórdia”.²⁵

Conquanto entenda que o estado de queda e total depravação moral e espiritual da humanidade grassem invariavelmente, o reformador de Genebra, por outro lado, reconhece ser o homem objeto do amor de Deus, e, como tal, não deve ser ignorado, de forma que as significativas consequências desse pensamento influenciaram o ensinamento e a práxis de Calvino e da comunidade genebrina.

De fato, “fiel a esta perspectiva hermenêutica, vai estar sempre atento ao que passa na sociedade a seu redor. Ocupa-se de temas sociais, culturais, políticos e econômicos que dizem respeito à vida da comunidade genebrina e, também, ao mundo europeu como um todo, bem mais que Lutero, a quem se referia como seu “muito honrado Pai” (*très honoré Père*)”.²⁶

Calvino lançará luz sobre temas sociais deveras fundamentais em sua época e que ecoam contemporaneamente, por exemplo: “Calvino nunca viu a pobreza e o infortúnio como evidências do desfavor de Deus para com o indivíduo afligido, nem considerava a prosperidade como um sinal da bênção de Deus por causa de méritos pessoais ou como evidência da

²⁵ DIAS, 2009, p. 04.

²⁶ DIAS, 2009, p. 05.

eleição para salvação”.²⁷ O determinismo atribuído a João, não tem fundamentação em seu pensamento, “antes, o reformador entendeu a riqueza e a pobreza como expressões do favor ou do julgamento de Deus sobre toda comunidade, que então deveria redistribuir os seus recursos com vistas ao bem-comum. Calvino pergunta: ‘Por que é então que Deus permite a existência da pobreza aqui embaixo, a não ser porque ele deseja dar-nos ocasião para praticarmos o bem?’”.²⁸

Por fim, se de fato existe um tema central no pensamento social e econômico de Calvino, é que a riqueza vem de Deus a fim de ser utilizada para auxiliar os nossos irmãos. A solidariedade da comunidade humana é tal que se tornam inescusáveis alguns terem abundância e outros passarem necessidade.²⁹ Nesse aspecto Calvino parece exumar a concepção do Reino de Deus pertencente aos “pobres”³⁰, ao qual o próprio Jesus se referiu, e, desse modo, tornando o pensamento do reformador genuinamente evangélico em seu caráter social.

4 COMPREENSÃO COSMOLÓGICA

Conforme já citado em outra parte deste trabalho, Calvino vê o “cosmos” de modo holístico e totalmente subordinado à soberania do Criador, de forma que sagrado e profano não se constituem, em certo sentido, esferas separadas ou mutuamente excludentes.

Devedor de Agostinho, principalmente de sua obra “A cidade de Deus”, onde este desenvolve a idéia da história humana sendo atravessada pela tensa relação das duas cidades, a divina e a humana, Calvino retoma e modifica a noção luterana dos “dois reinos”. Enquanto que para o Reformador alemão estes dois reinos são esferas completamente separadas, para Calvino eles são

²⁷ DIAS, 2009, p. 04.

²⁸ DIAS, 2009, p. 04.

²⁹ Cf., MATOS, 1997, p. 05.

³⁰ Pobres enseja, neste aspecto, também, a visão da justiça social dos Evangelhos.

compreendidos como dois âmbitos distintos, mas igualmente ordenados por Deus.³¹

Como parte da criação – na verdade, escopo –, o homem, para o reformador, é por assim dizer, coadjuvante principal, haja vista que Deus é o protagonista em sua excelsa soberania, posto que nada foge ao seu controle na história da humanidade. Se assim foi, a redenção do homem traria o cosmos novamente para o seu eixo teleológico, pois:

Calvino não podia imaginar a salvação como algo restrito unicamente à vida no além, sem maiores implicações para a vida das pessoas. Falar em salvação das almas com a frequência que se faz hoje por certo seria algo bastante estranho para o reformador de Genebra, que tinha bem clara diante de si a tarefa de levar a cidade, “das trevas à luz”, a fim de torná-la a cidade de Deus. Não apenas isso, mas Deus tem propósitos para o mundo. Os homens são chamados a viver a experiência do amor em uma comunidade ética a fim de glorificar o seu nome na terra. Como resultado, a partir de Genebra, Calvino coordenou com suas qualidades de organizador e legislador, a construção de uma nova cidade, que haveria de servir como inspiração para outros cristãos em diversos lugares. Foi assim que, na Europa, a atuação dos reformadores favoreceu a construção das bases para o desenvolvimento de um pensamento político e social que, mais tarde, resultaria na formação da democracia ocidental.³²

Em todo caso,

sua visão das relações entre Igreja e Estado vai determinar sua posição como cristão, cidadão e político. Em sua perspectiva, estas três qualificações são simultâneas e inseparáveis. Ou seja, o cristão está, enquanto cidadão deste mundo e participe do povo de Deus, definitivamente envolvido no processo de ordenamento da vida da comunidade humana, ou seja, a política. Tudo isto

³¹ DIAS, 2009, p. 05.

³² FARIA, Eduardo Galasso. Calvino: 500 anos. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 17, out. 2009. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo>. Acesso em: 10 set. 2012, p. 04. (grifo nosso).

advém da compreensão do sentido da vocação cristã no mundo e das relações entre a comunidade cristã e a comunidade civil.³³

Esta mundivisão, é claro, não exclui o cosmos, tanto mais ao se levar em consideração que o cosmos fracionado é anacrônico neste sentido e bem mais recente, de modo que, para Calvino, a totalidade da existência estava em Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvida de que João Calvino influenciou de forma abissal o *ethos* e o pensamento ocidental. Na verdade,

poucos franceses deixam uma marca duradoura, visível e reconhecida sobre a face da terra. Não me refiro àqueles que lançaram uma moda intelectual ou artística [...] Menos ainda daqueles que fazem parte já dos clássicos, como Montaigne, Pascal, Balzac, Cézanne e muitos outros. Penso somente nos que incitaram uma parte da humanidade européia e a desviaram de seu caminho histórico habitual, que não tiveram a força de imprimir-lhe outra direção. Não vejo mais do que dois: Rousseau, sem dúvida, quem remodelou o século XIX e até o século XX, e, ainda mais, Calvino.³⁴

Seu gênio intelectual e capacidade sistematizadora foram cruciais para a fé reformada. Seu legado enquanto humanista³⁵, serve de parâmetro até o tempo presente para os protestantes em geral, pelo que se depreende disso, que não houve solução de continuidade de sua obra, assim, a amplitude e abrangência de Calvino perpassam, sem dúvida alguma, uma enorme tessitura espaço-temporal.

Calvino faleceu um ano depois do término do Concílio de Trento (1545-1563), com a igreja romana disposta a rechaçar radicalmente as doutrinas protestantes. Com isso a segunda geração de reformados se sentiu obrigada a se empenhar na defesa da *autoridade da Bíblia* com os mesmos

³³ DIAS, 2009, p. 05.

³⁴ BESANÇON apud CERVANTES-ORTIZ, 2009, p. 02.

³⁵ COSTA, 1997, p. 04.

argumentos aristotélico-tomistas usados pelos romanos para justificar a *autoridade da igreja*. Não foi, pois, uma decisão livre, mas uma imposição do paradigma filosófico dominante, uma sujeição ao espírito da época.

Semelhantemente ao luterano Melanchton, Theodor Beza, que trabalhou com Calvino dirigindo a Academia de Genebra e, depois, o sucedeu na direção da igreja, começou a sistematizar a obra do Reformador nos termos do molde filosófico aristotélico. Com isso, ele e seus sucessores deram origem a um Calvinismo escolástico que significou a elaboração de um sistema teológico racionalista e absolutista que, se por um lado correspondia ao espírito do tempo, no que se refere à ênfase na especulação racional que, em grande parte, abandona a exegese do texto bíblico; por outro representava a negação da abordagem agostiniana que estava no âmago do método teológico de João Calvino. Quer dizer, seus discípulos e seguidores vão sucumbir à perspectiva dominante de seus opositores (ainda firmemente ancorados no paradigma medieval) assumindo, em oposição a Calvino, as categorias metodológicas do *tomismo* racionalista do período anterior à Reforma.³⁶

A modo de conclusão cabe ratificar, por exemplo, a grande contribuição de Calvino para a área da educação³⁷, da teologia, e do direito, dentre tantos outros tributos. Entretanto, é por dever de lealdade que não se pode, em hipótese alguma, dissimular seus erros, ainda que estes não obliterem suas conquistas. Um desses casos fatídicos foi o da condenação e execução de Miguel de Servetus, por ocasião do certame envolvendo Calvino.³⁸

³⁶ DIAS, 2009, p. 06.

³⁷ Nesse sentido, ver, por exemplo, o artigo de: TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de; VIEIRA, Paulo Henrique. João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI. *Acta scientiarum*, Maringá, v. 28, n° 2, p. 191-199, 2006. Disponível em: <periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/.../74>. Acesso em: 10 set. 2012.

³⁸ Cf., WALKER, 1981, p. 79. Há muita polêmica envolvendo o episódio. Decerto, contudo, é que Calvino não abriu mão de defender até as últimas conseqüências, aquilo que entendia como verdade bíblica inegociável, sobretudo com relação à doutrina da trindade

– cerne da polêmica

– pelo que lhe cabe, neste sentido, uma ortodoxia radical, isto é, que vai até a raiz da questão.

Em que pesem seus erros e acertos, certamente haverá, se tratados com honestidade ao menos, saldo sobejamente positivo a favor do reformador de Genebra. Resta, portanto, à historiografia contemporânea fazer justiça a este personagem tão emblemático quanto importante, se quiser, de fato, retratar de forma não caricaturista, aquele que tanto, até hoje, tem a contribuir, sobretudo para os herdeiros da grande família de igrejas da tradição reformada, seus descendentes na fé.

REFERÊNCIAS

- CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. Calvino e suas diversas heranças na tradição reformada. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 17 out. 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo, acesso em: 10 set. 2012.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. A piedade obediente de Calvino: teologia e vida. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano XIII, n° 1, 2008.
- _____. João Calvino: o humanista subordinado ao Deus da palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano IV, n° 2, 1999.
- DIAS, Zwínglio M. O Calvino desconhecido: alguns apontamentos sobre João Calvino antes do Calvinismo. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 17 out. 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo. Acesso em: 10 set. 2012.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FARIA, Eduardo Galasso. Calvino: 500 anos. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 17, out. 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo. Acesso em: 10 set. 2012.
- JÚNIOR, Heber Carlos de Campos. Calvino e os calvinistas da Pós-Reforma. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano XIV, n° 2, 2009.
- MATOS, Alderi Souza de. Amando a Deus e ao próximo: João Calvino e o diaconato em Genebra. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano II, N° 2, 1997.
- _____. Um vaso de barro: a dimensão humana de João Calvino. *Fides reformata*, São Paulo: UPM, ano XIV, n° 2, 2009.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. São Leopoldo, Sinodal/EST; Petrópolis, Vozes, 2007.
- ROJAS, Emmanuel Flores. Sobre as vocações em João Calvino: cultivo, cultura, culto. *Tempo e presença digital*, Rio de Janeiro, ano 4, n° 17 out. 2009. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=339&cod_boletim=18&tipo=Artigo. Acesso em: 10 set. 2012.
- TOLEDO, Cezar de Alencar Arnaut de; VIEIRA, Paulo Henrique. João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI. *Acta scientiarum*, Maringá, v. 28, n° 2, p. 191-199, 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/.../74>. Acesso em: 10 set. 2012.
- WALKER, Williston. Calvino. In: História da igreja cristã. Rio de Janeiro e São Paulo, JUERP/ASTE, 1981. v. 1 e 2.